

REFUNCIONALIZAÇÃO E TERRITORIALIDADE: O QUARTEIRÃO DA ANTIGA RODOVIÁRIA DE SÃO PAULO, SP

José David Lima da Silva

limadasilva.josedavid@gmail.com

Instituto de Geociências - UNICAMP

Palavras-chave: refuncionalização, centros urbanos, antiga rodoviária de São Paulo, Complexo Cultural Luz, Cracolândia.

EIXO 5

ESPAÇO URBANO E DINÂMICAS URBANAS

O geógrafo britânico David Harvey(1993) defende que durante a década de 1970 uma enorme reestruturação nos mercados mundiais ocorre com a crise da velha estrutura fordista de acumulação ao evoluir para um novo sistema econômico com a acumulação flexível do capital em grande escala mundial. A fluidez do capital internacionalizado ligada ao sistema financeiro e a flexibilidade dos mercados produtivos, faz com que mudanças nas políticas territoriais do Estado e das grandes corporações industriais e terciárias sejam tomadas.

Os reflexos das políticas territoriais na reestruturação do espaço urbano das cidades são mostrados pelo geógrafo norte-americano Neil Smith (2007) ao afirmar

que todo o processo de crescimento e desenvolvimento urbano consiste em um constante arranjo, estruturação e reestruturação do espaço urbano (SMITH, 2007, p.20).

Smith elenca uma série de fatores que apontam para o processo de reestruturação econômica e espacial estabelecido na pós-modernidade: a desindustrialização das economias capitalistas e o crescimento do emprego no setor de serviços acompanhando as mudanças demográficas e padrões de consumo; a suburbanização residencial das cidades e o surgimento de um diferencial de renda (*rent gap*), levando à desvalorização de áreas urbanas centrais e a expansão desenfreada rumo às periferias; a centralização espacial e simultânea descentralização do capital, e a queda da taxa de lucro e os movimentos cíclicos do capital. O autor afirma que “em conjunto, estas transformações e processos podem proporcionar uma primeira aproximação de uma explicação integrada das diferentes facetas da gentrificação e da reestruturação urbana” (SMITH, 2007, pp. 20-21).

Durante as décadas de 1950 e 1960 observou-se em cidades como Londres, Nova York e Paris, metrópoles dos países centrais, iniciativas individuais de membros da nova classe média por demandas de moradias em centros urbanos deteriorados. Segundo Bidou-Zacharisen (2006) os *yuppies*,

grupo de indivíduos jovens e urbanos pertencentes a uma elite que no momento ocupava altos cargos técnicos e administrativos em órgãos e corporações internacionais, foram os agentes gentrificadores no sentido de possuírem formas específicas de emprego e consumo.

Smith (2006) define três momentos para o processo de gentrificação: na primeira fase, definida como esporádica, nos anos 1950 e 1960, é restrita a metrópoles dos países centrais. Na segunda fase, nas décadas de 1970 e 1980 com a recessão econômica, há a expansão do processo por outras metrópoles com a consolidação da gentrificação, ocorrendo a incorporação pelos governos e a iniciativa privada como ferramenta de reestruturação urbana. Na terceira fase, nas décadas de 1990 e 2000, a gentrificação generalizada se expande por metrópoles em nível global, como por exemplo, cidades da América Latina. A partir de meados da década de 1990 este processo se difundiu no meio urbano de cidades brasileiras e assumiu posição de destaque entre as estratégias de atração de investimentos, acumulação de capital e mercantilização do uso das cidades.

No caso brasileiro, a refuncionalização de centros urbanos e de seus patrimônios históricos tem sido mais marcada pela ênfase nos usos culturais e turísticos do que

pelos usos habitacionais, ainda que as cidades brasileiras enfrentem um elevado déficit habitacional (PAES, 2009).

A configuração das intervenções urbanas do Centro histórico da cidade de São Paulo aponta para uma refuncionalização marcada pelos interesses do capital a partir da associação de capitais públicos e privados na formulação de projetos e na utilização da cultura como ingrediente da renovação urbana, ocorrendo a vinculação da construção de equipamentos culturais e restauração do patrimônio histórico com projetos de recuperação urbana (KARA-JOSÉ, 2007).

A revitalização de áreas centrais de grandes cidades do mundo na contemporaneidade é um fato, constituindo rearranjos produtivos, valorização de núcleos urbanos e a inserção no mercado do turismo onde são atribuídas novas funcionalidades a áreas degradadas e esquecidas, em complexos centros de lazer e entretenimento. Numa apropriação quase privada do espaço urbano, essas práticas segmentam áreas centrais das cidades históricas e as transformam em cenários de disputas por um fragmentado espaço de visibilidade pública. Sobretudo após as considerações críticas sobre a pós-modernidade (HARVEY, 1993), essa noção de fragmentação urbana vem sintetizando

esse caráter especializado das relações sociais na experiência urbana contemporânea.

Os projetos de revitalização não buscam conservar o passado tradicional do lugar, mas investir em porções da cidade que proporcionem retorno financeiro, recolocando os velhos centros históricos na pauta das políticas públicas, com esforço das gestões municipais na recuperação da economia política das cidades. Segundo Leite(2007, p.30) “transformado em mercadoria cultural, o patrimônio histórico parece adequar-se à nova lógica do mercado, abrindo-se a parcerias com a iniciativa privada, que tem investido nessas áreas como um bom e lucrativo negócio”.

A partir destes pressupostos, a proposta desta pesquisa vai de encontro às intervenções urbanas ocorridas no centro histórico de São Paulo, com o projeto urbanístico criado pela prefeitura municipal em 2004, o Projeto Nova Luz, com a realização de um estudo sobre o processo de refuncionalização do quadrilátero entre a Praça Júlio Prestes e as ruas Duque de Caxias, Barão de Piracicaba, Helvetia e Dino Bueno, região dos Campos Elíseos que já abrigou a Rodoviária de São Paulo entre os anos 60 e 80 e onde, até pouco tempo atrás, funcionou um *shopping center* popular especializado em tecidos, o *Fashion Center Luz* (vulgarmente conhecido como Shopping Coreano) e

também o Corpo de Bombeiros, moradias de aluguel e alguns pequenos comércios locais.

Este quarteirão está inserido no perímetro urbano popularmente conhecido como Cracolândia, um setor da cidade onde nas últimas décadas promoveu-se o intenso tráfico de drogas e prostituição. Segundo as informações disponíveis no site da prefeitura (<http://portal.prefeitura.sp.gov.br>), desde o início de 2005, grandes operações de fiscalização para combater irregularidades e inibir o crime estão sendo realizadas em conjunto com as Secretarias Municipais de Saúde e da Assistência e Desenvolvimento Social, Polícia Militar, Polícia Civil e a Guarda Civil Metropolitana, além do apoio da CET e de concessionárias como Eletropaulo e Sabesp, para o combate de furto de energia e de água. A prefeitura fechou bares e hotéis ligados ao tráfico de drogas e à prostituição e intensificou o policiamento na tentativa de inibir os moradores de rua e o consumo de drogas no local.

Neste local será levantado um complexo cultural sendo a sede da São Paulo Companhia de Dança (SPCD) e da Escola de Música do Estado, projeto apresentado pela Secretaria da Cultura(<http://www.cultura.sp.gov.br>) conforme descrito a seguir:

(...) a concepção de um projeto, com aproximadamente 95 mil m² de área construída, em um terreno de 19 mil m². O Complexo abrigará três teatros: um para dança e ópera com 1.750 lugares; outro para 600 ocupantes, destinado a teatro e recitais; uma sala experimental, com palco reversível, e capacidade para 450 espectadores. Ao mesmo tempo, haverá espaço para a instalação de uma sede definitiva da Escola de Música do Estado de São Paulo – Tom Jobim, uma escola de dança, salas de ensaios para companhias residentes, biblioteca, estúdios, auditório e áreas administrativas. O projeto terá área para café, loja, praça de convivência e estacionamento para 1.000 veículos.

No intuito de realizar uma pesquisa geográfica com o acompanhamento do processo de refuncionalização do quarteirão citado, com a mudança de seus usos e funções, a partir do último trimestre de 2009 estão sendo realizados levantamentos prévios através de registros fotográficos do quarteirão e entrevistas informais com moradores da quadra, de seu entorno, pessoas que ali trabalham.

Esta pesquisa tem por objetivo registrar os diferentes usos sociais ainda presentes nesta região a ser refuncionalizada, assim como analisar teórica e criticamente o presente processo de refuncionalização.

Referências bibliográficas

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta à cidade:** dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista do Espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Loyola, 1993.

KARA-JOSÉ, Beatriz. **Políticas Culturais e Negócios Urbanos – A Instrumentalização da Cultura na Revitalização do Centro de São Paulo (1975-2000).** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

LEITE, Rodrigo Proença. **Contra-usos da Cidade – lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PAES, M. T. D. Introdução e apresentação. In: PAES, M. T. D.; OLIVEIRA, M. R. S. (orgs.). **Geografia, Turismo e Patrimônio Cultural.** São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

SMITH, Neil. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. **Geosp – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 21, p. 15-31, 2007.

ENCLAVES FORTIFICADOS: ESTUDO DE CASO DOS CONDOMÍNIOS FECHADOS NO DISTRITO DE SOUSAS, CAMPINAS (SP)

Caroline Lucon Rocha

Tobias Martins de Oliveira

tobias_martins@yahoo.com.br

Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Unesp

Palavras-chave: condomínios fechados, espaço, mercadoria, valorização.

Introdução

A proliferação de loteamentos e condomínios fechados nas últimas décadas tem modificado a configuração espacial e forma de consumo do espaço geográfico.

Para pensar sobre esse processo é necessário situar o contexto histórico da urbanização brasileira, no qual a urbanização da sociedade atingiu maturidade no século XIX, seguida pela urbanização do território que acontece apenas um século depois. A década de 1960 foi importante nesse sentido por ser marcada por grandes transformações no espaço urbano, uma delas é o adensamento populacional nos centros urbanos, mas, contraditoriamente, os grandes centros